

Formação inicial em educação sexual: percepções de professores de Biologia de um Instituto de Educação Secundária de Guadalajara (Espanha)

The secondary school Biology teachers' perceptions of their initial formation of sex education in Guadalajara city (Spain)

Bruna Larissa Ramalho Diniz

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

brunabioiniz@hotmail.com

Marcelo Maia Cirino

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

mmcirino@uel.br

Eladio Sebastian Heredero

Universidad de Alcalá (ESP)

eladio.sebastian@uah.es

Resumo

Este trabalho teve por objetivo analisar o discurso de professores de Biologia sobre a sua formação inicial em Educação Sexual, classificando-a como suficiente ou não, a partir de um questionário aplicado em um Instituto de Educação Secundária, da cidade de Guadalajara, na Espanha. Diante dos resultados obtidos, através da análise dos questionários, fica evidente que os professores estão insatisfeitos com a formação que receberam acerca dos temas relacionados à sexualidade. Concluímos, portanto, o quão urgente é a inserção de conteúdos relacionados à temática nos currículos dos cursos de licenciaturas, tanto no Brasil como na Espanha. Refletimos também sobre as necessidades do professor, como agente social, de receber uma formação específica, adequada e suficiente em Educação Sexual, que aborde as múltiplas facetas da mesma e possibilite um trabalho de qualidade, frente aos alunos.

Palavras chave: formação inicial, educação sexual, professores de Biologia.

Abstract

The initial formation is the basis of professional preparation of the educator, been responsible for initiate goals of reference and cognitive schemes that may favor a better understanding of their teach practice. The sexuality is a recurrent topic at schools and the fact that isn't usual discussed during the initial formation makes that the teachers doesn't have the theoretical supports and tools to handle with the doubts and concerns of the students. Against this reality, the present work sought to investigate through half-open questionnaires the perceptions of a group of biology teachers in the Institute of Secondary Education of

Guadalajara, in Spain, about their initial formation in matters related at Sexual Education, in the attempt of classifies it as enough or not. The teachers were unanimous to assert that they didn't received any specific training about Sexual Education during their initial formation and emphasized the need of specify and mandatory subject on the graduation courses that handles the topic in its several aspects. It's necessary, therefore, that the graduation courses, as both in Brazil and in Spain, rethink their curriculum in order to regard the need of the teachers, as a social worker, to receive an specify formation, adequate and sufficient in Sexual Education that approach their multiple facets.

Key words: initial formation, sexual education, Biology teachers.

Introdução

Para Castro (2006), falar sobre formação inicial de professores é refletir e discutir sobre algo tão antigo quanto atual, tão explorado quanto conhecido e tão banal quanto fundamental.

O Conceito de formação de professores está ligado ao desenvolvimento intelectual, social e emocional de indivíduos adultos, que também contribuem com o seu processo de formação por meio de representações e competências próprias (LANGHI e NARDI, 2012).

Dessa forma, consideramos esse momento inicial de formação como sendo a primeira fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional, no qual os sujeitos estão em constante evolução e desenvolvimento, envolvidos com o aprender e o ensinar num processo que se prolonga durante toda a carreira docente.

Para Leão e Ribeiro (2009), a formação inicial é a base da preparação profissional do educador, sendo responsável por desencadear marcos de referências e esquemas cognitivos que possam favorecer uma melhor compreensão da sua prática.

Nesse contexto, é válido afirmar que estes primeiros anos de formação docente refletem de modo direto nas ações pedagógicas do professor, em sua forma de planejar e intervir no cotidiano escolar e, por consequência, na formação que será propiciada aos alunos, que pode ser completa e livre de tabus e preconceitos, ou não, dependendo da formação que seu professor recebeu dentro dos limites dos muros da universidade.

Segundo Figueiró (2011), quando a formação inicial de professores está voltada também para a Educação Sexual, ela contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional do docente e para a melhoria da qualidade do ensino. Entretanto, o que se evidencia nas universidades e em outras instituições formadoras é um grande descaso com os assuntos relacionados à Educação Sexual. Isso nos permite concluir que a ineficiência de uma política social válida em prol da conscientização sexual tem sua raiz mais profunda nos anos iniciais e essenciais da formação docente.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que os cursos de formação de professores nas universidades e em outras instituições dificilmente incorporam temas relacionados à Educação Sexual em seus currículos (LEÃO e RIBEIRO, 2009).

E embora existam documentos que amparem a abordagem do tema nas universidades, não há nesses cursos uma disciplina que trate da sexualidade humana, assim como não existem muitas iniciativas para criá-la.

Assim sendo, os professores, que não receberam uma formação adequada quanto à sexualidade durante sua formação inicial, não se sentem seguros para abordar o tema em sala de aula e seus alunos, assim como eles próprios, vão acumulando carências e dúvidas de todas as naturezas com relação à própria sexualidade, que muito provavelmente, nunca serão respondidas durante os anos escolares.

Além desse evidente despreparo para lidar com o tema, é preciso lembrar que somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perdura associação de sexo com idéias de pecado, de feio, de proibido, de imoral e de promíscuo. E nesse contexto de formação cultural, acabamos carregando conosco uma grande quantidade de tabus, preconceitos e sentimentos negativos com relação ao sexo, o que acentua nossa dificuldade em discutir abertamente o tema em nossas aulas.

Diante desta realidade, a universidade teria o papel de formar indivíduos que (re)pensem e (re)produzam conhecimentos desvinculados de preconceitos próprios, preparando profissionais completos, que saibam discutir e trabalhar naturalmente questões como a sexualidade que fazem parte não só do cotidiano escolar, mas do indivíduo como um todo.

Portanto, quando falamos em Educação Sexual há de se pensar em oportunizar a todos os professores uma formação adequada para que esses profissionais construam em suas escolas um ambiente livre de preconceitos, que privilegie o diálogo, dando aos alunos a oportunidade de expor seus sentimentos, dúvidas e medos. (FIGUEIRÓ, 2009).

E justamente no que concerne aos aspectos formativos, neste trabalho analisaremos por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) as respostas de um grupo de professores de biologia a um questionário, tendo como problema a seguinte questão: qual a percepção desses professores sobre sua formação inicial em Educação Sexual?

Percurso Metodológico

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2015, na cidade de Guadalajara (Espanha), em parceria com a Universidad de Alcalá e tem por objetivo analisar as respostas de um grupo de professores de biologia, buscando identificar as percepções dos mesmos sobre sua formação inicial em Educação Sexual.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário semiestruturado aplicado a três professores de Biologia de um Instituto de Educação Secundária.

Para promover as discussões desta pesquisa, utilizamos principalmente o aporte teórico sobre a formação de Educadores Sexuais elaborados por Figueiró (2006, 2009 e 2011) e por Bonfim (2009) em seus estudos sobre a formação de professores de Ciências no tocante à Educação Sexual, além de outros trabalhos acadêmicos que abordem esta temática.

Dentre as ferramentas analíticas existentes, utilizamos neste presente artigo como referencial teórico-metodológico a ATD, segundo Moraes (2003) e Moraes e Galiazzi (2006). Os dados coletados durante esta investigação foram fragmentados em unidades de significado, categorizados, analisados e discutidos em forma de metatextos a fim de construir novos significados para as respostas dos sujeitos.

A presente pesquisa configura-se, então, como qualitativa, pois, segundo Oliveira (2007), sua abordagem segue um processo de reflexão e análise da realidade por meio de técnicas e métodos que visam à compreensão do objeto de estudo perante o contexto histórico e social.

O questionário semiestruturado continha onze perguntas aos professores. Porém, nesse artigo, serão discutidas apenas cinco, relacionadas abaixo:

- 1) *Você teve alguma formação em Educação Sexual durante a Educação Primária ou Secundária? Acredita que foi válida e suficiente, ou não?*
- 2) *Como foi tratado o tema da Educação Sexual no seu curso de Licenciatura?*
- 3) *Acredita que é necessário que a Educação Sexual seja abordada na Educação Secundária/Primária? Por quê?*
- 4) *Qual é, em sua opinião, o profissional que deve ser responsável pela Educação Sexual na escola? Por quê?*
- 5) *Por que, em tua opinião, a Educação Sexual é usualmente delegada aos professores de Biologia? Isso é correto? Por quê?*

Na apresentação dos dados coletados, optamos por nomear cada professor com a letra P, seguida do número de ordem da concessão das respostas ao questionário. Assim sendo, o primeiro professor foi denominado P1, o segundo P2 e o terceiro P3.

Devido ao extenso material coletado, selecionamos de cada resposta, as unidades de significado (frases) consideradas mais relevantes para o desenvolvimento da análise. Essas unidades de significados foram dispostas em metatextos a fim de facilitar suas interpretações à luz dos nossos referenciais teóricos.

Análise e Discussões

Um dos aspectos marcantes depreendidos a partir da análise dos questionários é a insatisfação dos professores com a Educação Sexual recebida por eles durante sua vida escolar, evidente em suas respostas à primeira questão.

Você teve alguma formação em Educação Sexual durante a Educação Primária ou Secundária? Acredita que foi válida e suficiente, ou não?

(P1): *“Os únicos professores que trataram desse assunto comigo foram os professores de biologia. E ainda assim, apenas a parte reprodutiva. Foi insuficiente.”*

(P2): *“Não tive. É uma formação muito falha.”*

(P3): *“Eu tive na educação secundária em biologia [...] Creio que foi inadequada e insuficiente”.*

Os professores foram unânimes ao afirmarem que a pouca Educação Sexual que receberam durante o ensino primário e secundário foi inadequada e insuficiente.

Suas respostas vêm de encontro ao esperado por nós e previsto pela literatura, evidenciando que as intervenções pedagógicas que acontecem no espaço escolar, relacionadas à Educação Sexual são, na maioria das vezes, ancoradas no Ensino de Ciências e Biologia e nos profissionais dessa área de conhecimento, perfazendo uma tendência de explicar fenômenos humanos e a construção cultural da sexualidade apenas em termos biológicos (CARVALHO, 2015). Esse tipo de abordagem da Educação Sexual esteve presente na formação escolar desses professores e continua vigente nas escolas até os dias de hoje.

Como foi tratado o tema da Educação Sexual no seu curso de Licenciatura?

(P1): *“Não foi. Somente a parte biológica.”*

(P2): *“Apenas os aspectos biológicos [...]”*

(P3): *“Não houve [...] Só a biologia dos sistemas.”*

Segundo eles, durante a graduação, a única formação voltada para a esfera da Educação Sexual tratava o tema de forma puramente biológica, como usualmente acontece na maioria dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas no Brasil.

Diante disso, a escolha de professores de biologia para responder aos questionários foi proposital.

No Brasil, a carga de responsabilidade para tratar dos temas relacionados à Educação Sexual em sala de aula é usualmente delegada aos professores de ciências e biologia, o que ocorre também na Espanha.

Entretanto, esses profissionais não possuem, em sua formação, a carga de conhecimentos necessária para discutir a sexualidade com seus alunos fora do discurso médico-biológico. Para que isso seja possível, Bonfim (2009) afirma que:

[...] acreditamos o quão urgente é estarmos atentos aos modelos de currículo para a formação docente, e analisarmos suas matrizes de modo a construir um currículo capaz de contemplar a formação do professor, para que seja possível trabalhar de forma interdisciplinar com os conteúdos das diversas ciências no Ensino Fundamental e, sobretudo, em relação ao tema da sexualidade (BONFIM, 2009, p. 90).

A autora, em sua tese de doutorado, aponta importantes aspectos que indicam a necessidade de pesquisas na formação de professores de Ciências e Biologia no contexto atual, bem como algumas mudanças necessárias nos currículos dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, afirmando que:

Cabe registrar ainda, que consideramos a formação biológica específica extremamente necessária, quando o professor deve ter conhecimento profundo do conteúdo a ser ministrado, mas nos questionamos em relação às necessidades atuais como a questão do conhecimento teórico e metodológico para se trabalhar com a Sexualidade em sala de aula, sendo esta uma proposta oficial da Educação Brasileira e uma necessidade social, especialmente em dias de hoje, quando vivenciamos uma carência de valores éticos e estéticos, em meio à banalização do sexo, de exacerbação do corpo e do estímulo da sociedade capitalista ao sexo como produto de consumo (BONFIM, 2009, p. 105).

Diante do exposto e baseando-nos nas respostas dos professores, acreditamos ser urgente a inserção da Educação Sexual nos currículos dos cursos de licenciatura de uma forma que aborde a temática para além dos aspectos biológicos, pois, embora eles sejam importantes, não devem ser os únicos trabalhados no ambiente escolar. As informações biológicas são fundamentais, mas não são suficientes para a superação das problemáticas atuais envolvendo a sexualidade.

Acredita que é necessário que a Educação Sexual seja abordada na Educação Secundária/Primária? Por quê?

(P1): *“Sim. A Educação Sexual é absolutamente necessária para os adolescentes. A sexualidade faz parte da essência deles e eles precisam ser bem orientados nesse sentido.”*

(P2): *“Sim, pois é na secundária que os jovens iniciam suas relações sexuais.”*

(P3): *“Sim, pois é uma parte fundamental do desenvolvimento humano”.*

Como podemos perceber, os professores reconhecem a importância da Educação Sexual no ambiente escolar. Esse reconhecimento é muito importante e, portanto, o maior empecilho para que a temática seja trabalhada na escola continua sendo a falta de preparo desses professores.

Esse despreparo pedagógico, somado a interferência religiosa no espaço escolar e a reação negativa de alguns pais à inserção da Educação Sexual na escola são só alguns dos motivos que levam os professores a silenciarem-se diante desta temática ou tão somente abordá-la em seu aspecto biológico.

Falar de sexualidade no espaço da escola é um grande desafio, pois as resistências são muitas, o que exige que os envolvidos revisem conceitos, superem preconceitos e estereótipos e olhem reflexivamente para sua própria sexualidade, lidando com tabus, medos e vergonhas de forma madura e consciente.

Vale lembrar que a Educação Sexual acontece constantemente, seja em casa, seja pela mídia, assistindo-se televisão, lendo-se revistas e jornais, via internet e, segundo Maistro (2009, p. 38), *“se a instituição escolar omite-se, deliberadamente, em relação a tudo o que se refere a sexo, essa atitude reflete-se na formação dos escolares, levando-os a considerar que sexo é alguma coisa secreta, é um assunto que não cabe dentro da escola”.*

Portanto, é essencial que a Educação Sexual seja trabalhada no espaço escolar, pois caso o aluno não tenha informações adequadas, que satisfaçam suas necessidades e curiosidades momentâneas, ele irá buscá-las em outras fontes, que podem não ser (e geralmente não são) confiáveis.

Qual é, em sua opinião, o profissional que deve ser responsável pela Educação Sexual na escola? Por quê?

(P1): “O professor de biologia e o psicólogo”.

(P2): “O professor de biologia devido aos conteúdos relacionados ao corpo e a reprodução”.

(P3): “O professor de biologia e a coordenação. Por causa dos assuntos relacionados à reprodução”.

Desde o início da aplicação dos questionários, os professores criticaram a abordagem meramente biológica que receberam durante o ensino secundário e durante sua graduação, mas, acreditam mesmo assim, que o melhor profissional para tratar do tema em sala de aula seja o professor de biologia.

Este fato, segundo Bordini (2012), acontece por que:

[...] na escola é necessário primeiro conhecer o corpo anatômico e fisiologicamente. Quem possui esse conhecimento é a professora ou o professor de Ciências, pois ela/ele detém o lugar do saber científico a respeito do corpo e, conseqüentemente, esse saber é necessário para explicar as verdades sobre o sexo. [...] as professoras de Ciências tratam como natural a vinculação dos temas ligados à sexualidade à disciplina de Ciências, argumentando que o fato de ela tratar de questões referentes ao corpo biológico configura-se como um caminho para que as/os estudantes busquem esclarecimento sobre o assunto (BORDINI, 2012, p. 71).

Além disso, os próprios professores das outras disciplinas delegam essa carga de responsabilidade aos professores de biologia, esquecendo-se, talvez, de que as manifestações da sexualidade se dão a todo o momento e não só nas aulas de reprodução.

Por que, em tua opinião, a Educação Sexual é usualmente delegada aos professores de Biologia? Isso é correto? Por quê?

(P1): “Pela proximidade com os conteúdos da reprodução. Não é correto. A sexualidade é um tema transversal. Todos deveriam abordá-la.”

(P2): “Por causa do estudo do corpo. Mas, penso que todos deveriam trabalhá-la”.

(P3) “Porque a anatomia e fisiologia humana figuram em nossos currículos. É parcialmente correto. Falta atender a parte afetiva”.

Os professores mais uma vez foram unânimes em suas respostas, dizendo que esse fato se dá porque a biologia é responsável por conteúdos relacionados à reprodução, à anatomia e à fisiologia do corpo.

Segundo Figueiró (2006), a sexualidade humana vai além de sua determinação biológica, já que é também culturalmente determinada e as informações sobre ela trabalhadas na escola precisam envolver reflexão, tanto individual, quanto coletiva, pois é este exercício que permitirá ao aluno reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir relações mais saudáveis e positivas e, capaz, ainda, de identificar possibilidades de interferir no curso de sua vida e da coletividade. A autora acrescenta ainda que:

Se pensarmos que a finalidade maior da educação sexual é contribuir para que o educando possa viver bem a sua sexualidade, de forma saudável e feliz, e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele esteja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade, podemos concluir que o professor que ensina sobre a sexualidade, de forma humanizadora, está sendo mediador de esperanças e de projetos de vida (FGUEIRÓ, 2006, p. 17).

Entretanto, como já foi discutido, o fato da biologia tratar dos temas relacionados à reprodução e ao corpo de uma maneira geral, faz com que os professores dessa disciplina sejam responsabilizados pela Educação Sexual, ainda que não tenham sido preparados durante sua formação inicial para tratarem do tema e, essa abordagem meramente biológica reforça a visão genitalista da sexualidade, que se concentra na anatomia (pênis, vagina e órgãos reprodutores) e reduz a temática a um conjunto de prescrições hormonais, funcionais e performáticas (BONFIM, 2009). E, uma vez que a formação inicial dos professores de biologia volta seu olhar apenas para os aspectos biológicos da reprodução e da sexualidade, é esse mesmo olhar que é propagado nas escolas e, a abordagem biologistica e sanitária, largamente criticada por muitos estudiosos, passa a ser a única formação sexual que os alunos recebem, quando recebem.

Todavia, concordamos com P1 e P2 quando dizem que todos os professores deveriam trabalhar a Educação Sexual, pois, segundo Braga (2002), não existe um professor que deva ser considerado como “o educador sexual” de uma instituição, pois todo professor é um educador sexual, não importando a matéria que leciona, pois ele é o centro das atenções e, conseqüentemente, será imitado por seus alunos.

Dessa forma, é preciso que todos os cursos de formação docente repensem seu posicionamento diante da Educação Sexual, já que é papel de todo professor trabalhar a temática com seus alunos.

Considerações Finais

A análise dos questionários nos possibilitou um conhecimento mais amplo sobre as percepções que esses professores de Biologia possuem a respeito de sua própria formação inicial em assuntos relacionados à Educação Sexual. Quando iniciamos essa pesquisa na Espanha, acreditávamos que obteríamos um resultado diferente. Entretanto, os professores espanhóis deixaram claro que, assim como no Brasil, a formação inicial em Educação Sexual é quase inexistente.

As respostas desses professores nos fizeram refletir, mais uma vez, acerca da urgente necessidade da formação adequada desses profissionais com relação à Educação Sexual, bem como da necessária divisão de tarefas entre os professores, responsabilizando a todos, independente da disciplina, a tomarem para si a responsabilidade de educar sexualmente seus alunos. Só assim, será possível romper o clássico discurso meramente biológico e abordar a sexualidade em seus múltiplos temas. Entretanto, para que isso seja possível é necessário que os cursos de licenciatura, tanto no Brasil como na Espanha, repensem seus currículos, de modo a respeitar a necessidade do professor, como agente social, de receber uma formação específica, adequada e suficiente em Educação Sexual que aborde as múltiplas facetas da mesma e possibilite um trabalho de qualidade frente aos alunos.

Agradecimentos

Aos professores, familiares e amigos que apoiaram a viagem à Espanha e ao Escritório de Cooperação Internacional (ECI) da Universidade Estadual de Maringá, pela bolsa.

Referências

BONFIM, C. R. S. **Educação sexual e formação de professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades.** 267 f. Tese - (doutorado) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas (SP), 2009.

BORDINI, S. C. O lugar da Educação para a Sexualidade na disciplina de Ciências e suas relações com o saber científico. Curitiba, Brasil: Ed. Unijuí, **Revista Contexto e Educação**, nº 88, 2012.

BRAGA, E. R. M. **Sexualidade Infantil:** uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

CARVALHO, F. A. Educação para a sexualidade: O que pensam os alunos licenciandos em Ciências Biológicas? In: **Simpósio Internacional de Educação Sexual**, 4. 2015, Maringá, PR. Anais eletrônicos.

CASTRO, M. G. B. Uma retrospectiva da formação de professores: histórias e questionamentos. In: **VI Seminário da Redeestrada – Regulação Educacional Docente**. Rio de Janeiro, 2006.

CORREIA, M. L. A formação Inicial do professor: os desafios e tensões que a prática pedagógica impõe. **Analecta**, vol. 09, n. 02, p. 11-20, 2008.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais:** adiar não é mais possível. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da Escola. In: **Educação Sexual: Múltiplos Temas, Compromissos Comuns**. Mary Neide Damico Figueiró (org.). Londrina: Eduel, 2009.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** retomando uma proposta, um desafio. 3 ed. rev. at. Londrina: Eduel, 2011.

LANGHI, R; NARD, R. Trajetórias formativas docentes: buscando aproximações na bibliografia sobre formação de professores. **ALEXANDRIA – Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, vol. 05, n. 02, p. 07-28, 2012.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. La sexualidad en la formación inicial del educador: lectura del curso de pedagogia en la UNESP. In: HEREDERO, E. S.; BRIS, M. M. **Formación del ciudadano em um mundo global:** uma mirada desde los contextos español y brasileño. (orgs). Alcalá de Henares, 2009. p. 107-114.

MAISTRO, V. Desafios de um projeto de educação sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D (Org.). **Educação Sexual:** em busca de mudanças. Londrina: Eduel, 2009. p. 35-62.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo construído de Múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PACHECO, J. A. B. **Formação de professores:** teoria e práxis. Braga: Universidade do Minho, 1995.